

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

MATHEUS MOURE BIAGIN

Pela rua: Experimentando a cidade através do skate

Porto Alegre

2023

MATHEUS MOURE BIAGIN

Pela rua: Experimentando a cidade através do skate

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Ciências Sociais, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Vi Grunvald

Porto Alegre

2023

MATHEUS MOURE BIAGIN

Pela rua: Experimentando a cidade através do skate

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Ciências Sociais, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Vi Grunvald (orientadora) – UFRGS

Prof. José Luis Abalos Junior - UFRGS

Prof.^a Fabiene Gama – UFRGS

Porto Alegre

2023

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é resultado de muitas trocas e experiências com pessoas essenciais para sua realização. Agradeço primeiramente minha mãe, Elisa, que me inspira a cada dia e quem moldou e me ensinou a ser a pessoa que sou hoje. Agradeço também a minha vó Alda pela parceria e carinho durante toda sua vida, ao meu pai Fernando, que hoje deixa saudades, mas me deixou muitos ensinamentos enquanto vivo, e aos meus companheiros inseparáveis Chico e Caca que me fizeram companhia durante a realização desse trabalho.

Agradeço em especial minha orientadora Vi Grunvald, pela orientação e troca de ideias, pelos diversos conteúdos ensinados e por ter me inspirado a entrar no campo da antropologia urbana. Também, ao historiador Leonardo Brandão e o antropólogo Giancarlo Machado, pelo incentivo e inspiração para estudar skate na academia.

Agradeço muito a todos os interlocutores, que hoje são grandes amigos, pela energia e vivências no campo, sem eles esse trabalho não seria possível, todos que, de alguma forma, participaram das sessões comigo: Erik, Vicente, Augusto, Will, Gabriel, Valini, B.H., Amaral, Feio, Bruno, Hugo, Perdinho pé de chumbo, Kilarity, Cauã, Vitor, Marcelo, Cesinha. Para não faltar ninguém agradeço a todos e todas skatistas que estão pelas ruas da cidade fazendo barulho e deixando rastros no caos urbano.

Também, e não menos importante, aos amigos de fora do skate, Maria Joana, Alfredo, Camila, Inaê, Lucas, Moreno, Ruan, Afonso, Gabi, Michelle, Mazei, Isadora, Bidu, Rafão, Thaina, e especialmente minha amiga Bibiana, pelo incentivo e horas de conversas produtivas. Por fim, agradeço a todos que, de alguma maneira, cruzaram minha trajetória e fizeram parte da construção que me levou a realizar essa pesquisa.

RESUMO

O skate de rua apresenta diversas questões interessantes quando falamos de cidade, a antropologia urbana possibilita reflexões para pensarmos essas questões de forma que se possamos compreender as experiências vividas em cima do skate sobre a cidade. Esse trabalho é resultado das experiências que tive ao longo do campo, com interlocutores que realmente “respiram” o skate de rua. Apresento problemáticas levantadas pelos interlocutores que vão além da prática esportiva, mostrando suas percepções e movimentos pela cidade, os rastros deixado por aqueles que circulam a cidade em cima de seus skates, e fazem um uso não convencional da mesma. Apresento também as diversas visões e realidades no skate de rua atualmente, conversando com o skate sendo introduzido nas olimpíadas, e a resistência por parte dos skatistas em manterem essa cultura sem a intervenção das grandes indústrias e do Estado que a cada dia moldam os valores e as percepções geradas em cima do skate.

Palavras-chave: antropologia urbana; skate de rua; skatistas; cidade.

ABSTRACT

Street skateboarding presents several interesting topics when we talk about the city, urban anthropology enables reflections to think about these issues so that we can understand the experiences lived on top of skateboard over the city. This work is the result of experiences that I had throughout the field, with interlocutors that really "breathe" street skateboard. I present problems raised by the interlocutors that go beyond the practice of sports, showing their perceptions and movements through the city, the traces left by those who circulate the city on their skateboards, and make a non-conventional use of it. I also present the various visions and realities in street skateboarding today, talking about skateboarding being included in the Olympics, and the resistance on the part of skaters in maintaining this culture without the intervention of large industries and the State that every day shape the values and perceptions generated over skateboarding.

Keywords: urban anthropology; street skateboard; skateboarders; city.

Lista de Figuras

Figura 1: Marcas nas bordas dos equipamentos urbanos após a realização de manobras.....	18
Figura 2: Marcas nas bordas da escadaria da orla.....	19
Figura 3: Marcas na borda da caixa de luz da orla do guaíba.....	19
Figura 4: Skate stoppers, para impedir o uso da cantoneira como equipamento urbano para manobrar.....	25
Figura 5: “Skate stoppers” no paralelepípedo da calçada para impedir o uso dela pelos skatistas.....	26
Figura 6: Outro tipo de “skate stopper” em um borda da cantoneira de um jardim.....	27
Figura 7: “Skate stopper” em um banco, com a palavra “FUTURE” escrito nos metais.....	27
Figura 8: Exemplo de corrimão redondo.....	34
Figura 9: Execução de manobra em um corrimão redondo.....	35
Figura 10: Exemplo de corrimão quadrado.....	35
Figura 11: Execução de manobra em corrimão quadrado.....	36
Figura 12: Escadaria com espaçamento no meio, contendo dois lances de escada, chamada de <i>double-set</i>	36
Figura 13: Escadaria com dois espaçamentos no meio, e três lances de escadas, chamadas de <i>triple-set</i>	37
Figura 14: Execução da manobra wallride.....	41
Figura 15: Rastros deixados na parede após sessões de skate.....	42
Figura 16: Skatista profissional Marcelo Formiga, passando vela em uma borda de praça pública.....	45
Figura 17: Skatista Talles Silva passando vela em uma borda na rua.....	46

Sumário

INTRODUÇÃO.....	08
METODOLOGIA E DESAFIOS.....	10
1. INDO À CAMPO.....	13
Atletas x Vândalos.....	28
2. TEORIZANDO VIVÊNCIAS: PERCEPÇÕES E MOVIMENTO.....	34
Percepções.....	34
Movimento.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, observamos a ascensão do skateboard, que já teve seus altos e baixos, porém, atualmente, como esporte olímpico, as proporções que essa “prancha de madeira com rodinhas” obteve, são evidentemente grandes. Se no passado, víamos skatistas em capas de cadernos e rótulos de achocolatados, hoje vemos em propagandas de bancos, companhias de celular e outros produtos destinados a adultos, e não apenas aqueles destinados para crianças e adolescentes como eram alguns anos atrás. Nesses tempos pós olimpíadas de Tóquio 2020 (realizada em 2021 devido a pandemia do Covid-19), não é difícil achar alguém com o skate no pé ou embaixo do braço, muitas crianças querendo conhecer esse “esporte” e sonhando em se tornarem “atletas olímpicos”.

Porém, algo chamou minha atenção nesses olhares voltados ao skateboard, mais precisamente ao *street skate*, o skate de rua. Primeiramente, gostaria de esclarecer que existem diversas modalidades e maneiras de se praticar o skate, o “skate vertical”, praticado em rampas, os *longboards*, normalmente usados para descer ladeiras, ou simplesmente como meio de locomoção, dentre diversos outros, mas meu foco aqui é o “skate de rua”, esse, praticado pela cidade, usando de obstáculos equipamentos urbanos do cotidiano, como bancos, escadas e corrimãos, e, inclusive foi uma das modalidades apresentadas nas Olimpíadas Tóquio 2020, ao longo da pesquisa farei uma breve contextualização para elucidar melhor o tema deste trabalho.

Voltando ao que me despertou interesse, moro na cidade de Porto Alegre, durante minha vida conheci diversos skatistas, grande parte praticantes do skate de rua, entretanto, sempre notei uma certa rebeldia e hábitos considerados não saudáveis para um atleta convencional, como os de quem pratica futebol, vôlei, ciclismo e outros esportes. Tendo em vista isso, nunca liguei o skate de rua ao caráter esportivo, muito menos os skatistas que eu conhecia à atletas, eu via o skate de rua mais como uma prática transgressora do que como um esporte, então no ano de 2016, vi que o skate seria uma das modalidades presente nas Olimpíadas de Tóquio, em contraponto às noções que eu possuía.

Estudando no curso de Ciências Sociais, e promovendo meu interesse pela antropologia, comecei a olhar com mais atenção essas complexidades dentro da cultura do skate de rua, perante a isso. Ingressei nos estudos de antropologia urbana, buscando

referências acadêmicas sobre a mesmo, incluindo trabalhos sobre skate, principalmente do historiador Leonardo Brandão e do antropólogo Giancarlo Machado, dois grandes colaboradores para a inserção do skate na academia, dentre diversas fontes como revistas de nicho voltadas para o skate, vídeos e outros materiais históricos encontrados. Com meu objeto de pesquisa já definido, comecei meu campo em meados de 2018, atento com os deslizes metodológicos que a aproximação com o objeto de estudo me traria, principalmente se tratando de antropologia urbana, como apresentado a seguir no próximo capítulo.

Com os materiais necessários para fazer uma pesquisa antropológica e etnográfica em mãos, comecei a desenvolver meu tema a partir das pesquisas e diários de campos iniciais, muitas das perguntas eu que tinha foram muito bem apresentadas e pensadas nas obras “Para além do esporte: Uma História do Skate no Brasil” de Leonardo Brandão, e “De carrinho pela cidade: a prática do skate em São Paulo” do Giancarlo Machado. Em um primeiro momento, gostaria de falar sobre o caráter esportivo do skate, e essa dualidade entre esporte e transgressão, atleta e vândalo, porém ao historicizar a prática do skate no Brasil, Brandão faz uma bela análise sobre o assunto, o qual falarei em breve para contextualizar a pesquisa. Também utilizarei das teorias de Tim Ingold para apresentar as percepções e usos que os skatistas de rua têm sobre a cidade e seu olhar sobre a mesma.

Portanto, com toda essa esportivização de uma modalidade que nasceu como uma brincadeira de criança, depois passou como instrumento de rebeldia e transgressão entre os jovens, e recentemente passou a se tornar um esporte olímpico, onde diversas pistas criadas, exclusivamente, para a prática do skate estão espalhadas por todas as cidades, diversos skatistas ainda andam nas ruas das cidades, em espaços públicos ou privados, em entradas de prédios residenciais ou comerciais, bancos de praça, corrimões, e diversos equipamentos urbanos, ou seja, mesmo tendo pistas e lugares exclusivos para andarem sem ser incomodados, o que atrai os skatistas para as ruas da cidade? Tendo em vista suas percepções e movimentos pela cidade, e lembrando, que para os skatistas, segundo meus registros de campo e interlocutores, andar de skate na rua é andar pela cidade, usufruindo o que ela proporciona e usando de seus equipamentos urbanos da maneira que sua criatividade e habilidade possibilitarem diferentemente do que andar em pistas específicas para a prática do skate.

METODOLOGIA E DESAFIOS

Para a realização dessa pesquisa, foram necessários alguns cuidados na forma em que a pesquisa se desenvolvia, justamente por se tratar de um tema dentro da antropologia urbana, que por si só apresenta desafios. Quando cursei a cadeira de antropologia urbana durante meu processo de formação, me deparei com alguns problemas que estudar essa área exigia. Em primeiro lugar, tomei o cuidado para não cometer o erro de ter um olhar amplo sobre a cidade, o que pode ser caracterizado com o olhar *de* “fora e de longe” (MAGNANI, 2002), fazendo então “um recorte mais específico, voltado para o estudo de temas própria e especificamente urbanos” trazendo um olhar “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002). Segundo, estudar grupos de fora da cidade como, por exemplo, em aldeias e culturas distintas e longe do caráter eurocêntrico que a cidade carrega, é diferente do que estudar culturas dentro dos grandes centros urbanos onde, vícios de linguagem e comportamento se misturam com o do pesquisador.

Isso se mostra presente inclusive na hora do campo, Eunice Durham dialoga, em um dos seus trabalhos, que a observação participante nos grupos urbanos pode se tornar uma *participação observante* caso os devidos cuidados e sensibilidades não recebam a devida atenção pelo pesquisador. Eunice, também indaga sobre o campo, no sentido de, quando por exemplo em uma aldeia “o pesquisador convive constantemente com a população estudada, permanecendo, entretanto, um estrangeiro (mesmo que bem aceito).” (DURHAM, 2004, p. 26), e completa que durante a pesquisa na cidade “o pesquisador raramente reside com a população que estuda (e, se o faz, é por breves períodos) e não compartilha de suas condições de existência - de sua pobreza, de suas carências, de suas dificuldades concretas em garantir a sobrevivência cotidiana.” (DURHAM, 2004, p.26), deixando em evidência, o cuidado e sensibilidade ao se estudar grupos urbanos específicos. Sabendo disso, tomei o cuidado para manter um equilíbrio entre a familiaridade e o estranhamento ao longo da pesquisa, devido minha proximidade com meu objeto de pesquisa.

Com meu tema escolhido, e o recorte urbano já realizado, estudar o skate de rua me trouxe esse desafio, encontrado ao estudar a antropologia urbana em si, que seria a grande proximidade que eu teria com o objeto de pesquisa e com o grupo no qual eu estudava. Essa familiaridade com meu tema de pesquisa se deve ao fato de eu já ter um contato com essa cultura há algum tempo, pois mesmo afastado relativamente da atividade, eu sou skatista e já

havia vasto conhecimento sobre a cultura do skate de rua em si, por consequência, foi mais um desafio, pois:

A identificação certamente é necessária porque, sem ela, é impossível apreender ‘de dentro’ as categorias culturais com as quais a população articula sua experiência de vida social e ordena sua prática coletiva - Mas essa identificação traz consigo o risco de começarmos a explicar a sociedade através das categorias ‘nativas’ em vez de explicar essas categorias através da análise antropológica. (DURHAM, 2004, p. 33).

Durante meus estudos sobre antropologia, principalmente, sobre antropologia urbana, observei como eram necessários pontos de familiaridade com o grupo ao qual estudava, e também a importância de fazer “o movimento de estranhar o familiar” (VELHO, 2003, p. 15). Portanto, com essa carga teórica e com a atenção que minha pesquisa exigia, resolvi fazer um registro etnográfico para dar um caráter qualitativo a esse trabalho.

Para que isso se tornasse possível, tomei cuidado ao fazer meu trabalho de campo, realizado durante o final de 2018 até o momento final desse trabalho. Em um primeiro momento me deparei com o desafio da extrema familiaridade que eu tinha, não só com meu objeto de pesquisa, mas também, com os possíveis interlocutores da mesma, pois compartilhava da mesma linguagem, roupas e costumes, o que me deixava em uma situação na qual eu precisava de alternativas para não me perder nos vícios do cotidiano com aquele determinado grupo. Porém, havia uma “consciência da dificuldade de desnaturalizar noções, impressões, categorias, classificações que constituíam minha visão de mundo” (VELHO, 2003, p. 15), sendo assim procurei alternativas que me fizessem ter esse equilíbrio necessário entre a familiaridade e o estranhamento.

A primeira delas, foi ter a consciência de que a antropologia vinha em primeiro lugar durante meu campo, sobretudo para não me desatentar aos detalhes, e manter meu olhar sensível como antropólogo. Posteriormente a isso, utilizei como inspiração uma passagem de uma entrevista feita com o Heitor Frúgoli Jr., onde fala sobre quando ele foi estudar “favelas” e viu a complexidade e heterogeneidade que havia ali dentro da comunidade, e a grande diversidade que existe no que ele chamava de “favela”, anteriormente pensado como algo homogêneo. No skate de rua não é diferente, ele não se limita ao meu grupo de amigos nem aos lugares que eu costumava ir quando andava de skate, eu deveria ir além disso e adentrar na complexidade que essa cultura urbana poderia me proporcionar. Percebi que o melhor a se fazer para enriquecer meu campo era procurar novos grupos, interlocutores em geral, que poderiam me levar a lugares novos (algumas vezes em lugares que eu já teria ido em algum outro momento da vida) que apresentariam novas percepções sobre meu objeto de estudo: “a

cultura do skate de rua”. O resultado se apresenta ao longo da pesquisa, onde abordo situações e percepções durante meu trabalho de campo.

1. INDO À CAMPO

Inicialmente, como mencionado anteriormente, minha proposta para realizar o trabalho de campo, seria sair da rotina na qual teria antes de pensar em fazer essa pesquisa, ou seja, buscar novos lugares e interlocutores (quando possível) que me ajudassem a entender e sentir o skate de rua, me proporcionando uma experiência antropológica e etnográfica para que assim, fosse possível realizar esta pesquisa, e principalmente essa troca entre o skate e a academia. Devido às demandas acadêmicas, trabalho, e outros fatores pessoais, minha assiduidade no skate estava bem escassa, o que me favorecia, pois isso me libertava de alguns vícios que poderiam prejudicar o andamento da etnografia.

No inverno de 2018 resolvi ter meu primeiro contato com o campo, não apenas como skatista, mas atento ao meu papel de antropólogo. Nesse primeiro momento, eu necessitaria de interlocutores, e Porto Alegre passava por um momento de grandes obras e reformas em alguns pontos da zona central, onde eu iniciaria meu campo. Um desses locais, que haviam passado por uma reforma, era a Praça da Matriz, localizada no centro de Porto Alegre, a qual estava fechada fazia quase um ano. A praça foi, e ainda é, uma referência para o skate de Porto Alegre, principalmente nos anos 90 e anos 2000, gerando uma “cena local” na época e trazendo grandes nomes do skate, que contribuíram muito para a cultura do skate de rua na cidade, como Cezar Gordo e Marcus Cida, que, além de fazerem os primeiros vídeos de skate¹ em Porto Alegre e região metropolitana, foram mediadores essenciais para a construção da pista do IAPI no ano de 2001, famosa pelo mundo todo, dentro da cultura do skate de rua.

Foi na Matriz, assim chamada pelos skatistas, onde escolhi ser meu primeiro local de contato com interlocutores e com o skate de rua em si, pois assim como diversos lugares no mundo todo, ela é conhecida como um “ponto de encontro”, que são locais onde, os skatistas se apropriaram e criaram uma relação e uma permanência no espaço, nem sempre a gosto de outros cidadãos, mas que já estabeleceram laços, e onde se pode ficar andando por horas, por isso, na maioria das vezes, haverá alguém andando por ali. Nesses pontos de encontro podemos utilizar o conceito de “pedaço” (MAGNANI, 2002), devido ao laço de familiaridade entre os skatistas que estão ali diariamente, os quais criam vínculos com o local, com outros

¹ Os vídeos de skate de rua ganharam sua importância em contraponto aos campeonatos, pois são uma forma de destacar skatistas que expressão suas habilidades pela criatividade e técnica que não podem ser julgadas em campeonatos. A cultura de fotos e vídeos ganhou muita força na comunidade do skate de rua pois mostra skatistas realmente aplicando suas manobras nas ruas. São visto como obras de arte e ajudou muitos skatistas a se destacarem.

skatistas, com outros cidadãos que dividem o espaço, normalmente esses, trabalhadores que vendem algum produto no local, como comidas e bebidas, e também moradores de rua que compartilham daquele espaço. Segundo Magnani o pedaço “supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles” (MAGNANI, 2002, p. 20).

Pronto para ir a campo, peguei os três materiais básicos e essenciais que estiveram comigo durante toda a pesquisa, o skate, meu caderno de anotações e uma caneta, fui “remando²” até a praça, chegando na Matriz, avistei alguns skatistas no local, a maioria homens, apenas uma mulher, havia também, dividindo o mesmo espaço, um grupo de meninos e meninas mais novos, que aparentavam ser secundaristas de algum colégio localizado ali perto, pois estavam com mochilas, sentados, tomando refrigerante e comendo, assistindo aos skatistas. Havia dois skatistas que estavam gravando um vídeo, um skatista estava tentando uma manobra na escadaria central da praça, e o outro era seu “filmmaker³”, que o acompanhava com uma câmera e um skate para registrar as imagens. Sem saber muito como me aproximar, comecei a andar para descontrair e me religar a prática do skate, assim a “sessão”, termo nativo como é chamado o ato de andar de skate em conjunto, começou.

Nas sessões, diferentemente de outras atividades físicas, não existem regras, talvez um bom senso para não atrapalhar um ao outro para não haver choques entre os skatistas, mas não existe um objetivo, como por exemplo, no futebol, no qual o jogador deve marcar gols para fazer pontos e vencer. Na sessão de skate, você apenas tenta se expressar do jeito que quiser, fazendo manobras a sua escolha, e se divertindo. Logo, as primeiras interações foram surgindo, lembrando que diversos pontos de familiaridade estavam presentes, por mais que exista uma diversificação no estilo dos skatistas, principalmente pelo gosto musical, algumas características no modo de se vestir são marcantes devido a mistura de gostos entre os mesmos, “levando em conta a história do skate há dois tipos de sons que se destacam: o *rock* e o *rap*.” (MACHADO, 2014, p. 66), portanto, meu estilo não destoava muito dos que ali estavam presentes, e o domínio da linguagem também facilitou para que essas interações surgissem.

Na sessão de skate, é muito normal quando algum skatista acerta uma manobra, os outros e skatistas que estão na volta aplaudirem, e corriqueiramente, os que observaram a

² Remando é uma gíria nativa usada para designar o ato de embalar o skate.

³ O filmmaker, também skatista, é a pessoa que filma a execução da manobra de skate, elemento muito comum nas sessões de skate, ele pode filmar parado ou perseguindo com um skate o skatista que executa a manobra.

manobra, comentarem entre si frases como “nossa, essa que ele fez foi difícil” ou até mesmo gritos famosos entre os skatistas como: “yeah!”. Assim, fui interagindo com os que ali estavam no local. Lembrando que, ao chegar na praça, cumprimentei todos que estavam presente, pois, não é uma regra, mas um costume que os skatistas têm entre si, um ato para mostrar respeito aos skatistas que já estão ali e à própria cultura local já estabelecida pelos skatistas “locais”⁴.

Um dos rapazes que cumprimentei, eu conhecia “de vista”, e o mesmo se mostrou contente em me ver, embora a gente nunca tenha tido nenhum tipo de conversa, já participamos de algumas sessões juntos no passado, isso mostra a importância e o destaque para a sessão, que pode ser vista até mesmo como um ritual feito pelos skatistas, “ao evitar a definição rígida de ritual, a relação entre ritos e outros eventos torna-se, também, flexível, em uma plasticidade engendrada pela situação etnográfica” (PEIRANO, 2000, p. 11). A sessão é onde os skatistas interagem e andam de skate em diferentes níveis, segundo um dos meus interlocutores, a sessão começa devagar, com troca de ideias e com manobras básicas para “esquentar o corpo”, logo após o skatista entra em conexão com o skate e com o local onde está andando e começa a tentar superar seus medos e limites:

Quando eu estou andando (aquecido), não penso em mais nada, só me concentro em acertar as manobras, observo meus pés em cima do skate, a posição que eu preciso deixá-los para realizar as manobras, e os obstáculos ao meu redor, entro em conexão com o skate e o espaço, não tenho tempo para pensar nos meus problemas ou em outras coisas, é foco total, quando eu paro e tomo aquela cerveja com os amigos, rindo e comentando as manobras executadas no dia, ainda estou na sessão, e quando ela acaba, é uma sensação boa de alívio e relaxamento, e algumas dores no corpo, claro. (Pedro).

Por esse motivo, pode-se considerar a sessão de skate como um ritual, no sentido de “uma performance que usa vários meios de comunicação através dos quais os participantes experimentam intensamente o evento” (PEIRANO, 2000, p. 11). Contudo, eu já estava participando da sessão, inclusive, por diversos momentos, esquecia o meu real objetivo ali, pois entrava numa espécie de transe de adrenalina, onde, como disse um interlocutor: “eu esquecia de tudo, e só me concentrava no skate e no espaço ao meu redor”.

⁴ Os “locais” são skatistas que estão seguidamente frequentando aquele pico, normalmente conhecem todo mundo, e reconhecem quem é novo ou quem já anda ali direto, criam laços de familiaridade com o local em questão.

Voltando ao meu objetivo antropológico, percebi que o skatista que eu conhecia previamente de vista, se sentou para descansar, achei que seria uma boa oportunidade para me aproximar e torná-lo, possivelmente, meu primeiro interlocutor. Sentei para descansar ao lado dele, e começamos a conversar naturalmente sobre o menino que estava sendo gravado, pois o mesmo estava tentando uma manobra considerada difícil. O “Pedro” (chamarei os interlocutores por nomes fictícios para preservar suas privacidades) comentou que o skatista em questão, estava gravando um vídeo que seria lançado em breve por uma marca que o havia patrocinado, e comentamos sobre como a imagem ficaria bonita naquele local. Foi então que o interlocutor “Pedro” comentou sobre o novo piso da praça após a reforma, que apesar de semelhante ao antigo, estava um pouco mais áspero. O novo chão da praça, foi a primeira coisa que me chamou a atenção quando cheguei ao local, comentei que também havia percebido isso ao “Pedro”, que também, demonstrou-se frustrado com os responsáveis pela obra, e comentou: “como que os caras (em relação prefeitura e órgãos responsáveis) fazem uma obra de revitalização e deixam o chão pior do que o que tinha antes?” (Pedro).

Enquanto conversávamos sobre o piso da praça, o mesmo me perguntou se eu aceitaria tomar uma cerveja com ele, pois iria comprar uma, com um comerciante ambulante que estava com seu isopor na beirada da praça vendendo refrescos. Ao comprar a cerveja perguntei para o comerciante o que ele havia achado da “nova” praça, agora revitalizada, ele indagou que a praça estava mais bonita ainda, e que isso seria bom para os cidadãos e para seu comércio. Nesse primeiro momento, pude observar a divergências de percepções que havia no local, mas ainda era muito pouco para eu tirar alguma conclusão sobre esses pontos de vista. Voltamos a andar de skate no local, e após a sessão, combinei com o “Pedro” de nos encontramos para andar mais nos próximos dias, o mesmo me comentou que, em alguns dias, iria “sair pela cidade” para filmar um amigo, em um projeto de vídeo independente que o mesmo realizará e para “andar um pouco pela cidade atrás de ‘picos⁵’”.

No dia em questão, fui até a Praça da Matriz, para me encontrar com os dois skatistas que eu teria combinado. Chegando ao local, os dois já estavam, segundo eles, “numa sessão para aquecer o corpo”. Novamente, os dois reclamaram do novo piso da praça, o restante dos cidadãos que, ali, dividiam o espaço, pouco pareciam se importar com a mudança do piso. Enquanto os dois skatistas aqueciam, dei uma volta pela praça, para interagir com outras pessoas que dividiam aquele espaço, e que, não tinham relação nenhuma com a cultura do

⁵ Pico é uma palavra nativa que os skatistas chamam um lugar bom para andar e que tenha equipamentos urbanos skatáveis.

skate de rua. Me apresentei, falei que estava fazendo um trabalho para a faculdade, e perguntei o que as pessoas acharam da revitalização da praça, todos, sem exceção, responderam que “estava muito boa”, e ao perguntar sobre o novo piso, algumas pessoas responderam que gostaram, sem demonstrar muito entusiasmo, com “caras de dúvidas” sobre a pergunta feita, e outras comentaram que não haviam percebido a mudança das lajotas da praça.

Partindo para a “missão”, termo nativo que os interlocutores usaram para definir o ato de filmar uma manobra em um “pico” específico, fomos até o local onde eles haviam combinado, para chegar lá, fomos por um caminho onde, o interlocutor “Eduardo”, sabia que era bom por haver um “asfalto lisinho” e onde haveria um mercado com água, comidas e cervejas baratas, além de outro “pico” no caminho que seria possível filmar também. Durante o percurso, paramos em diversos “picos” onde os dois sabiam que seria possível, pelos menos, “arriscar uma manobra” antes que algum segurança ou porteiro aparecesse para nos impedir de andar no local, inclusive eu também tinha conhecimento de um que poderíamos ir.

Esses “picos de rua”, geralmente são avistados por skatistas em diversos momentos do cotidiano, não apenas andando de skate, por exemplo, em um desses lugares que passamos, um dos interlocutores mencionou que havia passado de ônibus quando estava indo para o trabalho, e viu o possível “pico”. Outros são famosos porque diversos skatistas andaram no local, e por passarem a informação da existência desses lugares para outros skatistas, criando assim uma conexão entre skatistas que nem se conhecem, mas que compartilham de um mesmo lugar para andar, seja um local público ou privado, um banco de praça, um corrimão da entrada de um prédio, comercial ou residencial, que apresentam diversos equipamentos urbanos para a realização de manobras, e muitos desses lugares acabam ficando famosos entre os próprios skatistas. Por conta disso, houve diversas vezes, durante toda trajetória do meu campo, que eu ouvi algum skatista falar sobre um “pico” dizendo “nesse corrimão aqui, o fulano já deu essa tal manobra, e o outro, deu essa”, referindo-se a manobras realizadas por skatistas naquele equipamento urbano, gerando um mapeamento de pontos da cidade pelo ponto de vista dos skatistas, onde deixam rastros por onde passam.

Figura 1: Marcas nas bordas dos equipamentos urbanos após a realização de manobras. (Fonte: acervo pessoal).





Figura 2: Marcas nas bordas da escadaria da orla. (Fonte: acervo pessoal)



Figura 3: Marcas na borda da caixa de luz da Orla do Guaíba. (Fonte: acervo pessoal)

Um desses “picos” foi-me apresentado algumas semanas depois de começar meu campo. Durante uma tarde livre para campo, um antigo amigo, que andava de skate, me ligou dizendo que teriam aberto o trecho da Orla do Guaíba que estava fechado, e que esse trecho, começava da Usina do Gasômetro, até quase o Anfiteatro “Pôr do Sol” (2018), segundo ele:

Está muito perfeito, tem ‘bordinhas’ para todo lado (referindo-se às bordas dos degraus das arquibancadas da orla), tem gap (obstáculos para pular de cima ou por cima), e o chão tá lisinho bem novinho, inclusive tem gente que já andou lá, vou sair do trabalho e conferir, se quiser ir junto. (João).

Quando chegamos, na parte em frente à Usina do Gasômetro, havia muitos skatistas, de todos os níveis, skatistas profissionais, amadores, entusiastas, também, vale ressaltar, que havia muitas meninas andando, pessoas mais velhas, crianças, o local também era dividido com pessoas andando de patins, uma das bordas dos degraus da arquibancada já estava coberta de vela⁶, e marcada pelos “slides e grinds⁷” efetuados pelos skatistas. Ao longo da orla, diversos locais apresentavam marcas de skate (como demonstrado nas figuras 1 e 2), porém, na área em frente à usina, tornou-se o lugar onde os skatistas apropriaram-se, dividindo o espaço, nas segundas e quartas-feiras com aulas de patins, tendo em vista que o resto da orla era ocupado por bares e cidadãos passeando, o que atrapalhava os skatistas segundo eles. Não demorou para esse lugar virar um “ponto de encontro”, e chamar a atenção de diversos skatistas. Vale acrescentar, também, que por ser um lugar de grande exposição, pois esse ponto localizava-se na entrada da orla, muitas pessoas que passavam por ali para conhecer a nova orla, avistavam os skatistas, e, devido a isso, novos adeptos do skate surgiram ali.

Durante muito tempo do meu campo, estive presente nesse local, por se tratar de uma zona central e de fácil acesso. Normalmente meus interlocutores combinavam comigo lá para andar, e depois “seguir pelas ruas”, ou após andarmos pela cidade acabávamos lá para encerrar a sessão e ver o pôr-do-sol. Conheci muitos skatistas lá, escutei diversos relatos e interlocutores interessantes, onde tive a oportunidade de enriquecer minha pesquisa. Primeiramente, ainda nesse “ponto de encontro”, observando a diversidade de skatistas que ali estavam presente, tentei entender o motivo pelo qual aquelas pessoas gostavam tanto de andar ali, tendo em vista que avistava as mesmas quase todos os dias da semana. Quando perguntado para skatistas profissionais e amadores (os quais almejavam ser profissionais

⁶ A vela serve para passar nas bordas de bancos, cantoneiras, ou corrimãos, fazendo com que o skate deslize mais fácil pelo obstáculo.

⁷ Slides e Grinds, são como chamam as manobras que consistem em deslizar com uma parte do skate sobre um corrimão ou banco, sendo o slide quando o skate desliza com a parte de madeira, e o grind quando desliza com a parte de metal que segura as rodinhas.

futuramente) que estavam “no corre⁸”, a resposta era quase sempre a mesma: “para gravar vídeos, ou produzir imagens para movimentar as redes sociais como forma de destacar sua imagem”, tendo em vista que o lugar localiza-se em frente ao Guaíba, um dos cartões postais da cidade, o que valorizava o conteúdo audiovisual para divulgação de seus trabalhos, já que culturalmente a produção de audiovisual de skate é mais valorizada na rua do que em pistas, principalmente pela dificuldade de acesso aos picos e pela estética, justamente pelo fato de ser “skate de rua” e não “skate de pista”, porém todos destacaram a importância de andar nas pistas para “deixar o skate no pé⁹”.

As meninas também se destacavam no local, havia uma “crew¹⁰” de meninas que sempre estavam pela orla, e comentavam que era muito bom ir lá, pois elas andavam juntas e se sentiam bem unidas, tendo em vista que as pistas normalmente eram cheias de homens e um ambiente machista, e que, a partir dali, elas iam para pistas ou em outros locais andarem juntas e apoiando umas às outras, inclusive, no ano de 2019, elas organizaram um campeonato exclusivamente para mulheres no local. Muitos dos que ali estavam presentes, não tinham intenção de se profissionalizar ou trabalhar com algo que envolva skate, alguns trabalhavam em empregos de outras áreas completamente diferentes, outros estavam na escola ou faculdade, e também havia os desocupados, todos estavam ali para andar de skate, confraternizar com os demais e muitas vezes esquecer os problemas da rotina cotidiana. Não era raro ouvir algumas histórias tristes e chocantes, vindas dos e das skatistas, problemas pessoais, familiares, no trabalho ou faculdade, não vou adentrar nelas pois algumas são muito pessoais e envolvem diferentes motivos e realidades, muitas delas tristes e violentas, mas vale afirmar que diversas vezes eu ouvia “é, não está fácil, não sei como lidar, então resolvi vir aqui andar e ver a galera” vindo de algum dos interlocutores.

Devido a diferentes realidades, o acesso à terapia, ou à alguma ajuda profissional, na maioria dos casos, não era uma alternativa nem possibilidade, seja pela falta de estrutura ou até mesmo de informação. O fato é que, para muitos, a sessão de skate servia como válvula de escape para os problemas do cotidiano, ou para desopilar da rotina e apenas se divertir, dando ao skate um caráter de “jogo” (HUIZINGA, 1971), sendo, como explica o autor, “uma

⁸ “Corre” é uma gíria nativa para especificar trabalho, algo que o skatista está correndo atrás para ganhar destaque ou algum dinheiro.

⁹ Deixar o skate no pé significa que o skatista está treinando para conseguir uma constância na execução de manobras e não as errar com facilidade.

¹⁰ Crew, é o grupo de amigos com quem os skatistas se familiarizam, como uma gangue de skate, normalmente andam sempre juntos e se reconhecem como próximos.

atividade ou ocupação voluntária acompanhada de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana”(HUIZINGA, 1971, p.33).

Também, é válido ressaltar, que a obra do “trecho 1” da orla, foi um projeto de revitalização daquele espaço, e que trouxe um aspecto de “enobrecimento” (LEITE, 2002), devido aos bares com alto custo de consumo, e sua estrutura toda modernizada, sendo divulgada pelos jornais locais, como um bom lugar para passear com a família, devido ao monitoramento por câmeras e postos da Guarda Municipal, trazendo segurança para o público específico, mostrando pessoas brancas fazendo sua corrida matinal com roupas “de grife”, Leite explica esse enobrecimento como:

Intervenções urbanas como empreendimentos que elegem certos espaços da cidade considerados *centralidades* e os transformam em áreas de investimentos públicos e privados, cujas mudanças nos significados de uma localidade histórica faz o patrimônio um segmento do mercado. (LEITE, 2002, p. 118, grifos do autor).

Essa revitalização incluiu uma alta acessibilidade para seus visitantes, rampas para cadeirantes e idosos, marcações para pessoas com problemas de visão, corrimãos, e para completar, um chão liso e uma arquibancada para as famílias “assistirem” o pôr do sol. Todos esses equipamentos urbanos são a combinação perfeita para atrair skatistas, trazendo um contraste de público para o local, devido ao “contra-uso” (LEITE, 2002) que os skatistas exerciam daquele local, as rampas que seriam para os cadeirantes e para passagem de bicicletas, os skatistas utilizavam para subir e descer com seus skates realizando manobras, a escada que dá acesso ao “deck” de embarcação, os mesmos utilizavam para pula-la, a arquibancada para ver o pôr do sol, servia como obstáculo para deslizar seus skates, deixando marcas no local, que mais tarde serviu como motivo de confronto entre os que frequentavam o local, pois os mesmos afirmavam que os skatistas estavam depredando parte do patrimônio publico. As famílias passavam pelo local para usufruir dos bares e restaurantes ao longo da orla, porém, eram surpreendidas por jovens e adultos fora da norma social que estavam acostumados, barulhentos e suados, “fazendo mal uso” daquele espaço, e não satisfeitos eventualmente “espirravam” seus skates pesados nas canelas dos transeuntes desavisados quando alguma manobra não era realizada com sucesso, inclusive, não era raro os momentos que se escutava: “OLHA O SKATE!” vindo dos skatistas tentando avisar as pessoas que algum skate estava indo descontroladamente na direção delas.

Explicando o “contra-uso” (apropriação) daquele espaço, em especial do perímetro em frente à usina do gasômetro, onde concentrava-se os skatistas, podemos afirmar que:

Esses usos podem alterar a paisagem e imprimir outros sentidos às realocações da tradição e aos lugares nos espaços da cidade. Essas significações, ou contra-sentidos, que diferem daqueles esperados pelas políticas urbanas, contribuem para uma diversificação dos atuais sentidos dos lugares. (LEITE, 2002, p. 121).

E também pela permanência dos skatistas naquele lugar sendo:

Um contra-uso capaz não apenas de subverter os usos esperados de um espaço regulado, como também possibilitar que o espaço que resulta das 'estratégias' se cinda para dar origem a diferentes lugares, a partir da demarcação socioespacial da diferença e das ressignificações que esses contra-usos realizam. (LEITE, 2002, p. 122).

Portanto, o uso de "estratégias" (CERTEAU, 1998) por parte dos órgãos públicos e privados (pois a obra foi uma parceria público/privada) responsável pela manutenção do local, começaram a surgir, passados alguns meses, quando caía a noite, todas as luzes do "trecho 1" (trecho que vai da usina do gasômetro até o fim do parque harmonia) da orla acendiam, menos as do perímetro utilizado pelos skatistas, tornando inviável a prática do skate no local, além disso, quando chovia, uma imensa camada de terra e folhas tomavam conta do solo, e por coincidência (ou não), a limpeza do local era realizada muitas vezes pelos próprios skatistas, que afirmavam passar dias com o solo sujo caso dependessem da manutenção por parte dos responsáveis. Também vale lembrar que até 2021 o local ainda era frequentado pelos skatistas, porém discrepantemente em menor número, devido à falta de manutenção do local e pela deterioração do chão que antes liso, hoje áspero, segundo meus interlocutores.

Chamo de *estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito em *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma *exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa, etc). Como na administração de empresas, toda a racionalização 'estratégica' procura em primeiro lugar distinguir de um 'ambiente' um 'próprio', isto é, o lugar do poder e do querer próprios. (CERTEAU, 1998, p. 99, grifos do autor).

Saindo dos pontos de encontros, sempre na companhia de diversos interlocutores, explorando a cidade e procurando por novos "picos", ou até mesmo indo em lugares antecipadamente programados, realizando esse contra-uso da cidade, nos deparamos com muitas cenas de conflitos. As "estratégias" usadas para afastar os skatistas são as mais diversas, como "mangueiradas" de pessoas que estavam incomodadas por estarmos andando

de skate em frente à sua residência, seguranças de prédios saindo com cassetetes atrás dos skatistas, para impedi-los que eles utilizem a fachada de algum estabelecimento para realizar manobras, ou um cidadão que, não tem nada a ver com o equipamento urbano utilizado, mas se sente incomodado e direciona xingamentos e "lições de moral" perante os skatistas, o mais comum deles: "vai trabalhar, vagabundo", sendo que muitas vezes, os skatistas também estão trabalhando, seja para gravar um vídeo ou tirar uma foto, embora na maioria das vezes que eu estive junto meus interlocutores estavam ali apenas para andar de skate mesmo. Algumas empresas chegam a botar "skate stoppers"¹¹ nas bordas das fachadas de prédios, que são ferros estrategicamente colocados para impedir a realização de manobra no local. Em contrapartida a essas "estratégias", os skatistas utilizam "táticas" (CERTEAU, 1998) para realizar suas manobras em determinados "picos", inclusive, esse conceito foi tema de um vídeo de skate recente, realizado pelo coletivo "Flanantes", dirigido pelo skatista Murilo Romão, enfatizando a percepção dos skatistas em relação aos sistemas de conflito que ocorrem na cidade ao se andar de skate na mesma.

[...] chamo de *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, distância, numa posição recuada, de previsão e convocação própria: a tática é movimento "dentro do campo de visão do inimigo" [...] e no espaço por ele controlado. (CERTEAU, 1998, p. 100, grifos do autor).

As "táticas", são as mais variadas, e mostram o domínio e conhecimento que os skatistas obtêm com o tempo para burlar tais estratégias, sejam elas: saber o horário menos movimentado em determinado pico, para realizar as manobras, ou o turno do "guardinha parceria" que deixa os skatistas andarem rapidamente antes de "corre-los", principalmente se estiverem gravando um material, e o mesmo souber da importância do registro, normalmente esses seguranças vêm com frases do estilo: "eu andava de skate quando era mais jovem, acerta essa aí e vão embora antes que o patrão chegue", em alguns dos casos, os skatistas levam ferramentas para arrancar os "skate stoppers". Esses tipos de conflitos, os skatistas estão acostumados a travar, porém, depois de todas as tensões, essas ocasiões desconfortáveis sempre geram risadas e boas histórias na roda de cerveja após a sessão, gerando descontração e motivação para a próxima "aventura urbana".

¹¹ Skate stoppers são ferros colocados estrategicamente em bordas de bancos, cantoneiras ou corrimãos para impedir o uso por parte dos skatistas. Exemplos nas figuras 4,5,6 e 7.

Figura 4: Skate stoppers, para impedir o uso da cantoneira como equipamento urbano para manobrar.



(Fonte: <https://www.vmcn.ca/f/files/via/images/columns/skate-stoppers.jpg:w=960;h=640;bgcolor=000000>).



Figura 5: “Skate stoppers” no paralelepípedo da calçada para impedir o uso dela pelos skatistas (Fonte: <https://images.squarespace-cdn.com/content/v1/52c75691e4b083e90ebff495/1497246216324-VUHDVEEDBNWFSM7KCR9Y/image-asset.jpeg?format=1000w>).

Figura 6: Outro tipo de “skate stopper” em um borda da cantoneira de um jardim (Fonte:https://embed-ssl.wistia.com/deliveries/d85dd1e98696eaa594058c2c8fb0f551a99363a3.jpg?image_crop_resized=1920x1080).



Figura 7: “Skate stopper” em um banco, com a palavra “FUTURE” escrito nos metais (Fonte: <https://images.squarespace-cdn.com/content/v1/52c75691e4b083e90ebff495/1497245792219-FUV5JPZ4YNYH7UU44QLE/image-asset.jpeg?format=1000w>).



Atletas X Vândalos

Andando de skate com os diversos interlocutores, as interações com os demais cidadãos eram frequentes e inevitáveis, sendo a maioria delas hostis. Não foram poucas as vezes em que pessoas, incomodadas com o barulho, ou por acharem que havia algum tipo de depredação, proferiram xingamentos, dos mais variados, em direção aos skatistas, muitos desses xingamentos acompanhados com baldes d'água ou ovos jogados pelas janelas. Também, muito comum, transeuntes, normalmente idosos, que passavam pelos skatistas, pararem ao nosso lado olhando por algum tempo, nas primeiras vezes eu pensava que eles apenas estavam vendo a execução de manobras, mas logo vinha um skatista e comentava: “esse aí vai xingar a gente daqui a pouco”, raramente a crítica vinha com a pergunta “o que vocês estão fazendo aí?”, o mais comum era: “vão trabalhar vagabundos, estão destruindo isso daí” referindo-se ao equipamento urbano utilizado. Enquanto eu estava presente, a maioria das respostas dos skatistas eram tentativas de explicar aos demais cidadãos, que eles estavam trabalhando, gravando vídeos ou tirando fotos, mesmo que muitas vezes não estavam, mas a resposta era uma alternativa de contrapor o argumento do cidadão incomodado, porém, devido às diversas variáveis, os skatistas nem sempre estavam com paciência para lidar com outros cidadãos, gerando conflitos e discussões prolongadas, fazendo com que a sessão acabasse mais rápida e criando um clima desagradável entre todos ali presente.

A lógica mercadológica da cidade e o incessante fluxo de pessoas e carros indo e voltando para o trabalho, parecem contribuir para o desagrado com os skatistas em determinados locais, principalmente bairros de grande concentração de prédios comerciais, onde normalmente a arquitetura das fachadas são luxuosas e feitas com mármore ou materiais parecidos, pois estes, atraem os skatistas que fazem um contra-uso do local, causando um contraste na paisagem do mesmo. Nesses bairros, os conflitos são ainda maiores, pois, enquanto as pessoas que ali trabalham, estão sempre de passagem e em um ritmo estressante da rotina de trabalho, os skatistas estão, ao olhar de fora, parados por horas num mesmo lugar, fazendo barulho, “sem produzir nada de bom para a sociedade, e ainda por cima destruindo patrimônio público/privado” (comentário feito por um cidadão durante uma das abordagens no campo), em muitas vezes, os skatistas são orientados, sempre acompanhados de xingamentos, a irem andar de skate na pista, pois “lá que é o lugar deles”. Porém, uma coisa que pude perceber durante o campo, é a diferença de olhares para os skatistas após as Olimpíadas de Tóquio 2020 na qual o “street skate” (skate de rua) e o “park” (skate em rampas) participaram como duas das modalidades de skate presentes nessa edição, e ainda

trouxeram três medalhas de prata para o Brasil, e o skate passou a ser visto como um esporte com atletas de alto nível, e, as frases que antes, em sua maioria eram xingamentos, passaram a ser “onde eu compro um skate para o meu filho?”.

As olimpíadas evidenciaram uma tensão que já existia entre os skatistas, que é a esportivização do skate. Antes de falar sobre o impacto que as olimpíadas tiveram durante meu campo, gostaria de fazer algumas observações para elucidar e contextualizar essas mudanças. O processo de esportivização do skate vem logo após sua popularização, por volta dos anos 70, quando ele parou de ser um brinquedo que simulava pranchas de “surf” e passou a se popularizar entre os jovens em nível mundial. Na obra do historiador Leonardo Brandão (2014), o autor comenta sobre esse processo, principalmente no Brasil, e propõe utilizar a noção de “poder esportivo” argumentando que o termo deve:

Ser compreendido como uma espécie de artifício discursivo que, existentes nas sociedades contemporâneas, é exercido de modo tanto interno quanto externo, isto é, “tanto por sujeitos que buscam ver sua prática ‘elevada’ ao *status* de esporte quanto pelo Estado, para o qual é melhor esportivizar as manifestações corporais não institucionalizadas - uma vez que a esportivização sempre vem acompanhada pela mercantilização da prática. (BRANDÃO, 2014, p. 14, grifos do autor).

Embora haja manifestações de desagrado ao relacionar skate com esporte, por parte da maioria dos interlocutores da pesquisa, em meados dos anos 70 e início dos 80, essa necessidade de tornar o skate em geral, um “esporte radical”, vinha, não só por parte do Estado com intuito de “controlar os corpos” (FOUCAULT, 1999), no sentido de:

Sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (FOUCAULT, 1999, p. 29).

Tendo em vista a confusão que os skatistas da época causavam nas ruas, descendo ladeiras, atrapalhando o trânsito e atropelando pedestres, mas também, a necessidade por parte dos empresários, que queriam que seus negócios relacionados ao mercado do skate prosperassem, assim como, por parte dos próprios skatistas, que queriam profissionalizar-se e “viver do skate”, além de ganharem reconhecimento e prestígio pela prática que tanto se dedicavam. Junto a esse discurso, vinha a proposta de criação de “lugares adequados” para a prática do skateboard, ou seja, as pistas de skate, e também a criação de campeonatos e confederações esportivas. As revistas de nicho da época, especializadas em skate (*Esquete* e *Brasil Skate*), comenta Brandão, também davam essa importância para o processo de esportivização do skate no Brasil, indagando que:

Além do destaque dado ao crescimento do skate no país, ao lermos os primeiros editoriais tanto da *Esquete e Brasil Skate*, verificamos que ambas, além de tratarem o skate como um ‘esporte’, conferiam grande importância às pistas de skate, ou aos ‘locais ideais’ para o desenvolvimento dessa prática corporal. (BRANDÃO, 2014, p. 71).

Com o “poder esportivo” dando os rumos para o skate, vemos a necessidade da “espetacularização” (DEBORD, 1997) da prática corporal, onde, o skate deixou de ser uma prática espontânea, para se tornar uma prática que exige alto nível dos “atletas”, segundo Debord “o espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e insaciável. Não diz nada além de ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’” (DEBORD, 1997, p. 16-17). Junto a isso, devido aos campeonatos e o caráter competitivo, uma padronização é imposta aos skatistas, devido às pontuações, antes não existentes, das manobras, limitando o caráter criativo e livre que o skate trazia para seus praticantes: “o simples deslizamento por ruas e ladeiras tomam agora a forma de manobras que podem ser pontuadas, classificadas e julgadas” (BRANDÃO, 2014, p. 71). Entretanto, a modalidade do skate de rua, que é o foco da pesquisa, não abraçou totalmente essa ideia de padronizar e comercializar o skate no formato de competição e esporte.

O skate de rua tem em suas referências, como afirma Brandão, o movimento “punk”, trazendo aos skatistas um caráter contestador, principalmente dessa apropriação que empresas e o Estado fazem ao investir no skate, em especial no skate de rua. Essa resistência à esportivização se dá devido ao investimento que os próprios skatistas fazem para “movimentar a cena”, por exemplo, a produção de vídeos e revistas especializadas se tornou um grande atrativo para os skatistas que não queriam se adequar à esses novos padrões do skate. Inclusive, muitos skatistas profissionais e amadores que trabalham com o skate, recorrem a esses artifícios para se manterem no mercado do skate, e serem livres para se expressarem do jeito que bem entenderem. Grande parte desses skatistas não participam de campeonatos, e são considerados ídolos pelos skatistas, tanto quanto, ou mais, do que os skatistas que têm em suas carreiras diversas medalhas. Apesar dessa resistência, segundo meus interlocutores, os skatistas que não se importam com campeonatos e pontuações também participam de campeonatos, e os skatistas que tem foco campeonato também participam de gravações nas ruas, como representado nos comentários de diversos interlocutores da pesquisa:

Eu acho que skate não é esporte, skate é arte, como vão querer pontuar as manobras de cada pessoa, cada skatista tem um jeito de andar, eu posso dar a mesma manobra que você da minha maneira, e você da sua, ou pelo contrário, eu posso gostar de dar manobras que nem valem tantos pontos, mas dou elas me divertindo, não vou deixar de dar minhas manobras porque quero ganhar pontos, um skatista que começa a andar de skate agora é capaz de começar a treinar de início as manobras que dão pontos, e se frustrar, pois ele seria melhor sendo livre para dar as manobras que ele gostaria”. (Eduardo).

Prefiro muito mais gravar vídeos do que participar de campeonatos [...] eu vou nos campeonatos, tem premiação e tudo, mas eu vou mais para ver os amigos e pela confraternização do que pelo campeonato em si”. (João).

Vou aos campeonatos para ver a galera, eu até participo de alguns, mas não é meu foco, eu não sou atleta, eu sou skatista, eu fico triste quando vejo pais incentivando os filhos a serem vencedores, levarem um estilo de vida de atleta desde pequeno, é capaz do “pia” nem gostar de skate quando crescer, fica na pressão de vencer, prefiro ficar de boa, tomar minha cerveja fumar meu cigarro, se ganhar, ganhou, se perder é festa do mesmo jeito, já estamos ali andando mesmo... (Otávio).

Evidentemente, os skatistas se mostram incomodados com essa tentativa de controle sobre a prática, mas também, se mostram flexíveis ao irem para os campeonatos e utilizarem as pistas criadas por parte do Estado e das grandes empresas, mesmo sabendo que “a posição do poder público como incentivador do lado competitivo e esportivo do skate, e também, como disciplinador dos usos e apropriações dos espaços urbanos” (MACHADO, 2014, p. 91). Também, tendo em vista que o mercado de nicho, próprio dos skatistas, ou seja, marcas e lojas criadas pelos skatistas dependem, igualmente, do "espetáculo", sendo em forma de vídeos para divulgação das marcas, ou fotos para revistas especializadas, pois “o espetáculo domina os homens vivos quando a economia já os dominou totalmente” (DEBORD, 1997, p. 17), e os skatistas precisam manter-se financeiramente estáveis para poder exercer o que mais amam, porém, de forma livre, e podendo exercer sua criatividade na hora de expressar-se em cima do skate.

Nas sessões com os skatistas, pude notar, pela interação dos outros cidadãos, como, também, era complexo para eles, após as olimpíadas, distinguir o que estava acontecendo, pois se antes, eles chamavam os skatistas de vândalos e vagabundos, como chamá-los agora? “Eles continuam destruindo a fachada dos prédios, mas isso pode trazer uma medalha olímpica para o Brasil”. No campo, a presença de pessoas aprendendo a andar de skate, com

todos os equipamentos de proteção (algo geralmente não usado pelos skatistas de rua) era evidente, assim como a curiosidade dos cidadãos ao verem os skatistas fazendo manobras, perguntando se vimos a “fadinha” durante os jogos olímpicos (skatista Rayssa Leal, medalhista de prata e atleta mais comentada nas redes sociais durante as olimpíadas), isso claramente irritava os interlocutores ao qual eu presenciei cenas deste tipo.

Nunca quiseram saber nada a respeito sobre nós, sempre nos xingavam, jogavam água, impediam a gente de andar, agora que viram na tv o sucesso que foi o ‘efeito fadinha’ (referindo-se à comoção generalizada gerada pela Rayssa durante as olimpíadas) querem vir conversar, sem contar os oportunistas que vão aparecer agora para arrancar dinheiro das pessoas. (Eduardo).

Segundos os comentários vindos dos skatistas, eles nunca precisaram da aceitação do grande público para andar de skate, eles apenas andam, e quem não gostar que fique com o problema para si: “Não precisamos deles, nem queremos, a gente sempre fez por nós e para nós, eles que procurem ‘outra sarna pra se coçar’” (interlocutor “Jonas”). Cenas assim, se tornaram normais durante o campo, quando o assunto das olimpíadas era mencionado.

Esse efeito gerado pelas olimpíadas, sempre esteve presente no skate de rua, tendo em vista que o skate veio a se tornar um esporte olímpico justamente por esses fatores, mas, o alcance das olimpíadas, fez com que isso fosse facilmente identificado devido ao alto número de lojas não especializadas querendo vender skates, muitas vezes, de baixa qualidade, por preços expansivos. Também, a procura por materiais de skate nas lojas, sejam elas, especializadas ou não, cresceu muito após as olimpíadas. Junto a esse “efeito fadinha”, que tanto os skatistas reclamavam, a prefeitura de Porto Alegre inaugurou, alguns meses depois, a maior pista de skate da América Latina, junto com a “Spot” (empresa responsável pela obra e manutenção da pista da Orla do Guaíba), o que certamente fez com que os skatistas ficassem muito empolgados, porém, antes mesmo da pista abrir. Eu percebia, durante as sessões, algumas tensões entre os skatistas, as mais comentadas eram sobre a presença das bicicletas e outros esportes de roda, que também utilizariam o espaço feito para os skatistas; se haveria pichação ou a pista ficaria “lisinha” para sempre; e também se o público leigo iria sentar nos obstáculos, que simulam bancos e afins, atrapalhando os skatistas de realizarem manobras. Logo na abertura da pista, já pude presenciar cidadãos tomando chimarrão em cima de um dos bancos da pista, rapidamente um skatista comentou “olha lá, tão sentado na borda¹²” em

¹² Bordas são chamadas pelos skatistas para representar equipamentos urbanos que servem para manobras de deslizar, como bancos e cantoneiras de jardim, normalmente em formato retangular, ao contrário dos corrimãos.

resposta, um dos interlocutores que estavam comigo disse: “é, meu amigo, o jogo virou, a gente usa os bancos das praças quando eles querem sentar, agora eles vem aqui e sentam na nossa borda”. Diversos conflitos surgiram na primeira semana de pista, seja pessoas curiosas caminhando pela pista atrapalhando os skatistas, lixos jogados no chão podendo prejudicar alguém, principalmente cacos de vidros, vindos de garrafas de bebidas que são abandonadas por pedestres, entre outros, constantemente comentados e reivindicados pelos skatistas que querem andar na pista.

Nesse fluxo entre pistas e rua, pude notar que não a uma dualidade entre os dois, durante o campo, muitas vezes, meus interlocutores não tinham tempo para andar sem rumo com o intuito de passar por “picos” para realizar manobras, então, optavam por utilizar o pouco tempo que tinha para ir às pistas. Diversas vezes, os interlocutores tinham apenas uma hora livre do seu dia para a prática do skate, e contar com a probabilidade de um pico de rua estar vazio, sem nenhum cidadão sentado nos bancos ou seguranças protegendo escadarias de prédios, seria algo inviável para a prática, pois dependeria de um pouco de sorte para que a sessão pudesse ocorrer. Então as pistas se tornam uma alternativa para esses skatistas, pois lá a sessão é certa, os obstáculos vão estar ali para seu uso livremente.

Porém, segundo os interlocutores, sempre que possível, preferiam andar nas ruas, seja nos pontos de encontro ou em picos sugeridos, normalmente nos finais de semana, em que a pista estava cheia, é o melhor momento para se andar nas ruas. Sendo assim, as pistas se tornam uma alternativa durante o pouco tempo que os skatistas têm para andar na semana, mas, segundo eles, “o verdadeiro skate”, acontece nas ruas, e quando sobra tempo, não pensam duas vezes em botar seus “carrinhos¹³” no asfalto e deslizar pelas ruas da cidade para experienciar a cidade de uma forma única.

¹³ Carrinho é uma gíria nativa para se referir ao skate em si.

2. TEORIZANDO VIVÊNCIAS: PERCEPÇÕES E MOVIMENTO

PERCEPÇÕES:

Durante meu campo, e após a leitura do meu diário de campo, pude observar como os skatistas tem um olhar particular sobre a cidade e seus equipamentos urbanos. Como dito anteriormente, em muitos momentos em que estive com meus interlocutores, os mesmos demonstraram um domínio sobre as ruas da cidade, ou seja, os melhores caminhos para ir até um lugar por conta da qualidade do asfalto, os prédios e praças com os melhores equipamentos urbanos para a realização de manobras, nesse segundo caso, conseguiam facilmente ver a diferença nos detalhes de cada “pico” para realizar manobras, seja o formato de algum corrimão de uma escadaria, se ele é redondo ou quadrado, se os bancos tinham a sua borda gasta ou nova, também observavam o número de degraus nas escadarias, se esses degraus eram longos ou curtos, se tinha algum espaçamento entre eles, fazendo com que tenham mais de um lance de escada. Todos esses detalhes facilitam ou dificultam a execução de manobras.



Figura 8: Exemplo de corrimão redondo. (Fonte: foto retirada do Google para exemplificar)



Figura 9: Execução de manobra em um corrimão redondo.
(Fonte: https://www.papeldeparede.etc.br/fotos/wp-content/uploads/img1024_143.jpg)



Figura 10: Exemplo de corrimão quadrado.
(Fonte: <https://www.corrimaoinoxcampinas.com.br/img/nossos-trabalhos/corrimao-de-parede-inox/corrimao-de-parede-inox-1.jpg>)



Figura 11: Execução de manobra em corrimão quadrado.
(Fonte: <https://i.pinimg.com/564x/b7/d6/42/b7d642a193d21d2c5d52eacc8c8e0b32.jpg>)

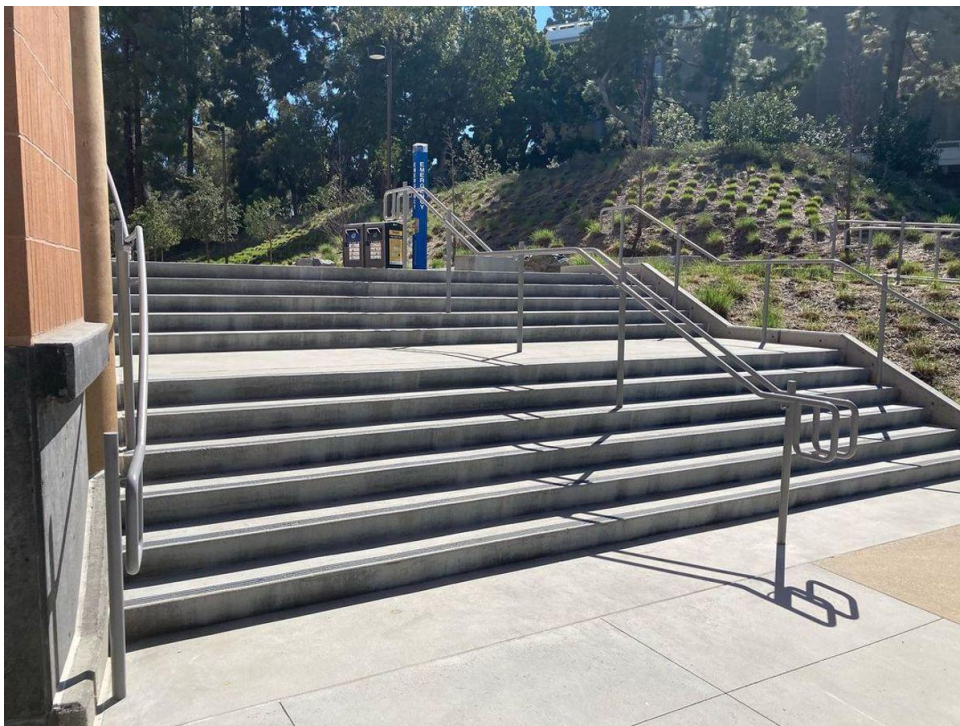


Figura 12: Escadaria com espaçamento no meio, contendo dois lances de escada, chamada de *double-set*. (Fonte: <https://storage.googleapis.com/fsscsl/images/large/puct7x587uo7g0ieh60sc1i00e6sv5uz.jpg>)

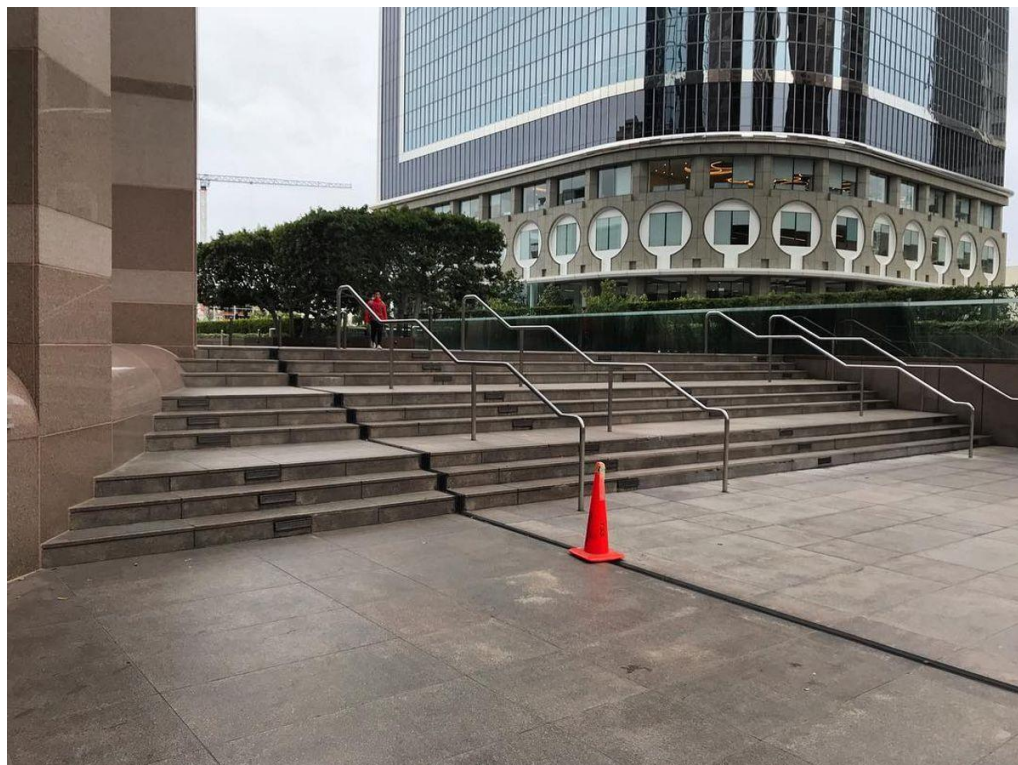


Figura 13: Escadaria com dois espaçamentos no meio, e três lances de escadas, chamadas de *triple-set*. (Fonte: <https://storage.googleapis.com/fsscs1/images/large/u3b8hi7icocn5r9kpa5hubw41yidvz5.jpg>)

Esse olhar sensível por parte dos skatistas se dá, devido a necessidade de reconhecimento do local para a realização da manobra desejada, ou até mesmo para circular pelas ruas sem dificuldade, como é o caso do reconhecimento da textura dos asfaltos e calçadas da cidade. O skatista de rua precisa dominar esses terrenos para a realização de seus movimentos em cima do skate perante a cidade.

O antropólogo, Giancarlo Machado, usa para esse olhar particular que os skatistas desenvolveram o conceito de “olhar skatista”, e indaga que esse olhar:

Reverbera a percepção que os skatistas possuem dos espaços e equipamentos urbanos; como por exemplo, conforme já adiantado dependendo de suas características os mesmos podem ser considerados *picos*, os quais se tornam obstáculos a serem superados. (MACHADO, 2014, p. 31, grifos do autor).

Mencionei durante meu campo, que alguns interlocutores observavam esses detalhes, não apenas quando estavam andando de skate, mas em momentos comuns do cotidiano deles, seja no caminho para o trabalho, durante alguma viagem de carro ou ônibus, também teve aqueles que disseram ter visto “picos” nas fotos que ficam na frente de obras incompletas de determinadas construtoras. Isso mostra que, ao fazer uso da prática do skate de rua esse “olhar skatista” se desenvolve, e vai se tornando intrínseco na vida do skatista, fazendo com que ele seja portador de uma sensibilidade intuitiva ao olhar para a cidade.

Prestando mais atenção a esse olhar, e percebendo que os cidadãos que dividem os espaços com os skatistas não compartilham dessa mesma sensibilidade, utilizarei alguns pensamentos do antropólogo Tim Ingold, presentes em sua obra “Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição.” que me fez pensar nessa ressignificação dos espaços da cidade, e suas percepções que o skatista constrói ao vivenciar suas experiências pelas ruas da cidade em cima de seu “carrinho”. No capítulo que ele denomina “A cultura no chão: o mundo percebido através dos pés”, ele aborda, em uma passagem chamada “Botas e Sapatos”, como a modernidade vem mudando a percepção e o tato com os pés perante o solo, e dialoga que: “através de obras públicas, a maioria das sociedades metropolitanas transformou seus espaços urbanos (...) pavimentando as ruas” (INGOLD, 2015, p. 82), tornando-a lisa perante aos pés calçados com botas.

Ao fazê-lo, literalmente abriram o caminho para o pedestre calçado exercitar os seus pés como uma máquina de andar. Ele já não precisa escolher o seu caminho, com cuidado e destreza, por ruas esburacadas, calçadas com paralelepípedos ou acidentadas, repletas de sujeira acumulada e excrementos das inúmeras residências e comércios cujas atividades acontecem ao longo delas. (INGOLD, 2015, p. 82).

Partindo desse pensamento sobre as ruas da cidade, percebe-se que, o uso das botas e sapatos, fazem com que os cidadãos não necessitem mais de tanta atenção por onde caminham e levam seus pés, pois a estrutura moderna da cidade facilita para que seu caminhar durante seu trajeto seja praticamente automático. Observando esses facilitadores do cotidiano urbano, vemos uma desconexão do cidadão diante do solo, fazendo com que sua atenção e percepção não seja mais tão voltada para o chão por onde caminha.

Já o skatista, ao passar com seu “carrinho” pelas ruas, devido às rodinhas pequenas e duras, essas usadas principalmente pela modalidade do skate de rua, precisa ter a atenção dobrada por onde passam, para não trancar em nenhuma rachadura ou pedrinha (a maior inimiga dos skatistas segundo meus interlocutores) por mais minúscula que seja, pois qualquer atrito é capaz de fazer o skatista travar e ser arremessado nas duras calçadas da cidade. Além do cuidado com as imperfeições percebidas pelos skatistas em particular, também há o “sentir o chão”, ou seja, sentir a vibração de cada asfalto quando passam com seus skates pelo mesmo, tornando perceptível a qualidade do solo, e dando a noção dos “diferentes tipos de chão”, fazendo com que o skatista se reconecte com o espaço pelo qual está andando, quebrando essa mecanização do andar sobre o asfalto com a bota.

Diante disso, gosto de pensar o “skate como uma extensão dos pés”, que mesmo calçados por tênis, e sobre o chão pavimentado, faz com que, quem esteja em cima dele se

reconecte com o solo, e ressignifique o seu andar e suas percepções ao redor. Um exemplo muito claro disso, presenciado em campo, curiosamente foi de uma criança que estava tendo seu contato com o skate pela primeira vez, e foi descer uma pequena ladeira asfaltada para testar seu equilíbrio, logo após as instruções dos skatistas mais experientes que estavam com ele, a criança tomou coragem e desceu a pequena ladeira com seu skate, quando a mesma chegou no final da ladeira, era nítido o êxtase da criança que, com as mãos na cabeça, os olhos arregalados e um sorriso no rosto, gritou: “NOSSA TREMEU TUDO, ATÉ MINHA CABEÇA, MEU PÉ ESTÁ DORMENTE!” se referindo a vibração que sentiu ao descer a ladeira.

A atenção que o skatista tem ao deslizar pelas ruas, também se mostra presente ao encontrar equipamentos urbanos para a aplicação de manobras. Para escolher os “picos” onde essas manobras serão realizadas, os skatistas, antes de tudo, devem observar atentamente o espaço ao seu redor. Segundo Machado (2014) existem três características ideias para um “pico” ser considerado possivelmente “skatável”, são elas, primeiramente o “*Chão da ida*: é o espaço a partir do qual o skatista toma impulso para ir em direção ao obstáculo.” (MACHADO, 2014, p. 111, grifos do autor), apontando o cuidado do skatista ao analisar o solo que percorrerá antes de realizar a manobra. A segunda característica apresentada, que são os “*Obstáculos*: são os equipamentos urbanos onde os skatistas executam as manobras” (MACHADO, 2014, p. 111, grifos do autor), esses vieram de acordo com a preferência do skatista que, como dito anteriormente, podem ser bancos, corrimãos, escadas, cada um com suas características, onde, dependendo da habilidade, o skatista vai observar se os mesmos são altos, baixos, compridos, curtos, dentre as mais variadas características que a arquitetura urbana do local vai apresentar. A terceira característica, e não menos importante, é o “*Chão da volta*: assim como o chão da ida, é o espaço em que o skatista permanece após mandar a manobra no obstáculo.” (MACHADO, 2014, p. 112, grifos do autor). Continuando o pensamento de Machado:

Um *pico* perfeito para os skatistas é aquele que conta com o chão da ida e da volta com um considerável espaço de superfície plana e lisa, propícia para pegar impulso, e também, com um obstáculo feito de materiais que possibilitem boas condições de se mandar uma manobra, como por exemplo um banco de mármore. (MACHADO, 2014, p. 112, grifos do autor).

Tendo em vista essas noções, observamos o domínio que o skatista tem sobre os materiais usados nas construções da cidade. Revelando que, a experiência em cima do carrinho, aguça esse olhar sensível com o espaço urbano, o “olhar skatista”.

Dando continuidade à teoria de Ingold, o antropólogo faz uma análise de seus estudos sobre o caminhar, e, ao estudar outros teóricos da prática, como Goffman, ele analisa o caminhar por uma rua lotada como um algo social, e não individual. Assim:

Sua sociabilidade não paira por sobre a própria prática, em algum etéreo domínio das ideias e discursos, sendo antes imanente à maneira como os movimentos de uma pessoa - os seus passos, andar, direção e ritmo - são continuamente sensíveis aos movimentos dos outros no ambiente imediato. (INGOLD, 2015, p. 84).

Ingold complementa que o visual é importante nessa prática, exemplificando um cidadão, que, quando caminha, e enxerga outra pessoa vindo em sua direção no mesmo terreno, projeta o corpo para desviar-se da mesma. Nas pistas de skate, nas sessões em pontos de encontros, ou até mesmo em “picos” que tenha apenas pedestres, os skatistas também contemplam dessa mesma ação, seja para desviar de pedestres, ou seja, para desviar de outros skatistas que estão dividindo o mesmo espaço. Porém, diferentemente dos pés, em contato com o chão, e com fácil atrito para desviar-se, em cima do skate essa ação se torna mais complexa, tendo em vista que para frear um skate, a dificuldade é muito maior, devido à velocidade, e, por mais atrito que tenha, o skatista está deslizando em cima de uma prancha com rodas. Isso faz com que o skatista preste muito mais atenção, além do solo e espaço, às pessoas ao seu redor, fazendo com que, a cada choque com outros pedestres ou skatistas, eles tenham que, cada vez mais, aguçar os sentidos para não haver colisão durante o seu andar, pois diferente de duas pessoas se colidirem enquanto estão caminhando, a colisão com um skatista causa traumas mais graves. Quanto mais o skatista tem experiências como essas, mais ele percebe e evita esse tipo de conflito. Durante sua linha de raciocínio Ingold para uma observação sobre do uso de botas e sapatos, incluindo a pavimentação das ruas:

É simplesmente que as botas não imprimem rastros na superfície pavimentada. Quando as pessoas andam pelas ruas, não deixam rastros de seus movimentos, nenhum registro de sua passagem. É como se elas nunca tivessem passado. (INGOLD, 2015, p. 86).

Entretanto, quando os skatistas andam em algum lugar, o que não faltam são marcas de sua passagem por ali, seja no chão, nos equipamentos urbanos, como mostrados nas Figuras 1, 2, e 3, e até mesmo nas paredes, quando os skatistas realizam uma manobra chamada “*wallride*”, que implica o skatista jogar-se contra a parede, conseguindo deslizar-se por ela durante alguns segundos, e pousando no chão novamente, como apresentado nas imagens abaixo:

Figura 14: Execução da manobra wallride.
(Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/e7/42/92/e742922956574415aae799f7f2d09039.jpg>)





Figura 15: Rastros deixados na parede após sessões de skate (Fonte: foto retirada do Google para exemplificar: https://live.staticflickr.com/5529/11612979983_8f27055901_z.jpg)

Nesse sentido, os skatistas, não apenas, percebem e ressignificam os espaços urbanos de uma maneira particular, como também deixam seus rastros neles, ocasionando mais um ponto de conflito com outros cidadãos, que reclamam da “sujeira” que os skatistas estão fazendo ao executarem suas manobras. Entretanto, essas “sujeiras” criam caminhos para que outros skatistas possam identificar “picos” para andar, pois os mesmos reconhecem as marcas de “alguém já andou aqui”, abrindo novas possibilidades, além de, dependendo do rastro, como por exemplo, em bancos ou bordas já ilustradas aqui, devido ao uso de velas repetidamente usadas ao longo do tempo, criando-se uma textura mais fácil para o skate deslizar sobre elas, assim, facilitando a execução das manobras.

Ingold dialoga sobre isso quando discorre: “a paisagem tende a ser considerada como uma superfície material que tenha sido sequencialmente formada e reformada ao longo do tempo” (INGOLD, 2015, p. 90). O antropólogo usa o exemplo de pegadas, em uma trilha na natureza, que ao longo do tempo, conforme as pessoas vão caminhando sobre esses caminhos, a trilha vai se formando, tornando-a cada vez mais fácil de ser transpassada pelos próximos que ali passarão futuramente. Então, voltamos à ideia de reconexão do skatista com as

superfícies. Da mesma maneira em que voltam a perceber o chão, de uma forma mais sensível e atenta, mesmo com uso de sapatos como dito anteriormente, os mesmos voltam a deixar marcas em suas passagens pela cidade, ressignificando a ideia das percepções dos cidadãos na cidade urbana moderna, que estão longe das percepções do homem descalço na natureza. Obviamente o skatista não transforma o urbano em natureza, mas aprende a lidar com, e pensar o mesmo de uma forma mais orgânica.

Ao falarmos da percepção em cima do skate, podemos comparar com a fala de Ingold, quando argumenta que:

Finalmente, a propósito da audição, devemos lembrar o envolvimento do ouvido na manutenção do equilíbrio, essencial para se colocar de pé e andar, e que as pessoas surdas relatam serem capazes de ouvir através dos pés, desde que estejam em pé sobre superfícies tais como tábuas corridas, que conduzem vibração. (INGOLD; Tim, 2015, p. 88).

Mais uma vez elucidando, como simples ato de andar em uma prancha de madeira sobre rodas secas, independente de toda a cultura que envolve o skate de rua, é uma forma de perceber o nosso entorno. Podemos dizer que ao se adentrar dentro da cultura do skate, acabamos incorporando essa percepção no simples ato de subir em cima da prancha de madeira e escorregar pela cidade, demonstrando que: “se percepção é, assim, uma função de movimento, então o que percebemos deve, pelo menos em parte, depender de como nos movemos” (INGOLD, 2015, p. 88), reiterando o fato de que ao experimentar o skate de rua estamos experimentando essas novas percepções de sentidos.

Tratando-se do fato temporal da espécie humana que, ao longo da sua história, começou a usar sapatos e abandonar os pés descalços, Ingold questiona “como pode haver uma história cultural de técnicas corporais quando a tecnologia do calçado já está implicada nas nossas ideias mesmas do corpo, na sua evolução e no seu desenvolvimento” (INGOLD, 2015, p. 94). Os skatistas, na maioria das vezes, sem perceber, usam do skate como alternativa para pensar essas antigas formas de entendimento sobre o ambiente a sua volta, o antropólogo por sua vez pode complementar com sua fala de conclusão sobre esse questionamento:

Para compreendermos a evolução do andar devemos imaginar um mundo sem calçado. Pois nossos primeiros antepassados não deram passos largos sobre a terra com botas pesadas, mas caminharam sobre ela levemente com destreza e, principalmente, com os pés descalços. (INGOLD, 2015, p. 94).

MOVIMENTO:

Durante todo meu campo, o foco dos skatistas era andar de skate nos diversos “picos” que percorremos, seja em algum já premeditado, ou um “pico” inusitado encontrado durante nossas andanças pela cidade. Quando encontrado algum equipamento urbano, identificado pelos meus interlocutores como um possível “pico” para “manobrar”, era perceptível que após a excitação da descoberta, os skatistas passavam, de um estado de descontração, para um estado de concentração máxima, pois um dos objetivos das sessões, apesar de todo lazer e sociabilidade, são as manobras, se desafiar, aprender movimentos novos, utilizar o que a cidade tem a oferecer para superar limites, e “voltar para a casa de cabeça feita”, frase dita por um interlocutor no início de uma das nossas sessões, no sentido de terminar o dia satisfeito com o que foi executado ao longo do dia, apesar de “nem todos os dias serem de vitórias”, também comentado pelo interlocutor.

Ao andar de skate em um equipamento urbano, existe uma série de precauções que o skatista deve se atentar. Como dito anteriormente, o skatista analisa o chão ao redor do equipamento, observa o movimento dos pedestres a sua volta para não haver colisões, se há algum tipo de segurança que possa impedi-lo de tentar a manobra no local e outras variáveis que possam atrapalhar a execução da mesma. Após o skatista observar o entorno do local, ele parte para a parte de concentração na manobra que irá realizar, observei que meus interlocutores na maioria das vezes, se preparam para executar uma “manobra de aquecimento”, que seria uma manobra com um nível de dificuldade inferior àquela que previamente tinham em mente, segundos eles, essa manobra serve para aquecer para a próxima, e cada vez superar mais os limites de suas habilidades.

Porém, antes de qualquer execução, o skatista analisa de perto o equipamento, usarei de exemplo um banco de praça, equipamento urbano bastante usado pelos skatistas de rua, e frequentemente presente durante meu campo, é comum, durante essa análise o skatista olhar cada detalhe do banco, limpando as folhas e galhos que possam trancar o skate ao redor do banco, verificando se o banco desliza ou não, normalmente essa última, é realizada com o skatista simulando com as mãos, junto ao seu skate, a manobra que vai tentar, pressionando o skate no banco com seu peso em cima e deslizando ele várias vezes. Caso o banco já tenha sido usado anteriormente por diversos outros skatistas, é possível que ele já tenha uma crosta de vela, usada para deslizar mais fácil o skate, se há uma ausência de vela, é muito comum os mesmos possuírem consigo uma vela para passar no banco.



Figura 16: Skatista profissional Marcelo Formiga, passando vela em uma borda de praça pública.

(Fonte:https://img.redbull.com/images/c_crop,x_555,y_0,h_1413,w_1130/c_fill,w_400,h_540/q_auto:low,f_auto/redbullcom/2017/11/28/057da82d-3741-409b-b63c-dea6ba688cc2/formiga-vela-borda).



Figura 17: Skatista Talles Silva passando vela em uma borda na rua. (Fonte: foto retirada da pagina da marca “Represent” no Facebook).

Observando essa preparação, percebi como o skatista se atenta a três coisas principais na hora da execução, ao equipamento urbano, nesse caso o banco da praça, ao seu skate usado para realizar a manobra, e aos movimentos de seu corpo, tanto dos pés quanto dos ombros, braços, tudo que for possível para que a manobra seja realizada em perfeito equilíbrio. Ingold, ao analisar o ato de um carpinteiro, cortar uma prancha de madeira com um serrote, decorre sobre a “sinergia entre profissional, ferramenta e material”, sendo o profissional o carpinteiro, o qual podemos pensar como o skatista; o serrote, como ferramenta, assim como o skate; e o material, representado pela prancha de madeira, nesse caso, o banco de praça. Citando essa sinergia, o antropólogo quer fazer uma análise do movimento desse ato, assim como eu quero falar do instante da manobra realizada.

Preciso do cavalete para servir de apoio, preciso das minhas mãos e dos meus joelhos, respectivamente, para segurar o serrote e para manter a prancha no lugar, preciso de cada músculo do meu corpo para fornecer a força que impulsiona o serrote e para manter o equilíbrio enquanto trabalho, preciso dos meus olhos e ouvidos para monitorar o progresso. Mesmo a própria prancha se torna parte do equipamento para o corte, nela o sulco que se vai desenvolvendo ajuda a orientar o trabalho (INGOLD, 2015, p. 101).

O mesmo pensamento serve para pensarmos a ação do skatista perante o equipamento urbano. Desse modo, quem realiza a ação nesse banco, não está pensando como um cidadão que apenas se sentará no banco da praça para descansar, ao fazer esse “contra-uso” (LEITE, 2002), o skatista está ressignificando não apenas o banco, mas também seus próprios movimentos diante do mesmo, em contraponto aos objetivos pensados por quem criou o banco, e até mesmo por parte dos órgãos públicos que foram responsáveis pela criação da praça e conseqüentemente do equipamento urbano. Ingold conclui, “meu ponto, no entanto, é que as funções das coisas não são atributos, mas narrativas. Elas são histórias que contamos sobre elas.” (INGOLD, 2015, p. 102). Isso ajuda a explicar, as narrativas vivenciadas em campo, quando meus interlocutores contavam histórias dos equipamentos urbanos, equipamentos esses que, eram ignorados por cidadãos transeuntes que frequentavam a praça. Por diversas vezes ouvi, quando passávamos por algum “pico”, as milhares de manobras já realizadas naquele local por skatistas do passado, meus interlocutores pareciam dominar a história do local, sabendo quem realizou tal manobra naquele lugar, e até mesmo o ano que ela foi executada. Novamente o “olhar skatista” demonstra que não é só a habilidade de reconhecer possíveis *picos* mas sim saber a história daquele equipamento e as possibilidades que a cada sessão se abrem diante da criatividade de novos skatistas que por ali passam e executam manobras. “Cada uso de uma ferramenta, em suma, é uma lembrança de como usá-la, o que ao mesmo tempo segue as vertentes de práticas do passado e as leva adiante em contexto atuais” (INGOLD, 2015, p. 103).

Pode-se concluir que não apenas o skate como ferramenta cria histórias e lembranças, acrescentando a esse pensamento, podemos pensar também no uso do material (banco) como essa fonte de histórias que moldam as práticas ali executadas, assim, testemunhado em campo, quando os interlocutores citam esses passados, para servirem de inspiração para o presente e futuro, tanto do material quanto da ferramenta. Ao falar disso, Ingold também revela a importância do carpinteiro ao contar a história da ferramenta, que sem ele, ela não existiria, “o serrote precisa da mão para que sua história seja contada” (INGOLD, 2015, p. 103). Sendo assim, usando de sua trajetória e seu olhar sensível sobre a cidade, que se criou ao longo das experiências em cima do skate no espaço urbano, o skatista tem papel fundamental para que se perpetuem essas noções de como podemos utilizar esses espaços à favor do skate, noções essas que são concebidas através de experiências, seja vendo outro skatista realizando manobras ao vivo nos equipamentos, por fotos de revistas de nicho ou por vídeos de marcas

especializadas em skate, esses que são essenciais para a propagação da história do skate de rua e das ferramentas/materiais utilizados nesse processo.

Ainda falando sobre o movimento do carpinteiro ao serrar uma prancha de madeira, Ingold indaga que, como já observou, ao fazer o corte, não existe movimentos iguais, eles variam, mesmo que imperceptivelmente, tanto na força, quanto no ângulo e na velocidade, até mesmo os movimentos do corpo do marceneiro. Afirma, também, que para um novato “cada golpe é o mesmo” e que para o marceneiro experiente, “ao contrário, cada golpe é diferente”. Assim, como para alguém leigo, determinada manobra é executada sempre da mesma maneira, como se tivesse uma fórmula, para o skatista, cada tentativa resulta de variáveis que auxiliam na execução de manobras, seja no movimento obtido, ou no jeito que “joga” o skate para cima do banco, sendo essas variáveis frutos da percepção de quem realiza a ação com destreza, ele explica que: “a sintonização ou ‘correção sensorial’ do movimento do profissional depende, no entanto, de um acoplamento íntimo de percepção e ação” (INGOLD, 2015, p. 105). Isso explica a concentração presente durante as sessões por parte dos interlocutores dessa pesquisa, também concluiu que: “essa destreza é um complemento necessário para que David Pye (1968) chamou de ‘trabalho de risco’”, explicando que:

Nesse trabalho a qualidade do resultado depende, a todo momento, do cuidado e do juízo com que a tarefa prossegue. Portanto, quando se trabalha com um serrote, como acontece com qualquer outra ferramenta de mão, o resultado nunca é uma conclusão precipitada; ao contrário, há um sempre presente perigo, ao longo do trabalho, de que possa dar errado (INGOLD, 2015, p. 105).

Levando em consideração esse “trabalho de risco”, o skate, quando praticado na rua, se torna passível de erros, pois como muitos skatistas reclamam, há muitas calçadas desniveladas e equipamentos urbanos desregulados, o que pode causar o erro, mesmo que com o movimento certo. O entorno do “pico” pode impedir o skatista de concluir a manobra, além de gerar graves lesões aos skatistas, que, mesmo sabendo desse risco, optam por enfrentá-lo, pois como dito diversas vezes durante o campo:

É muito prazeroso acertar uma manobra, algumas vezes, a dificuldade do pico, mesmo a manobra não saindo tão boa, a satisfação é tão grande quanto acertar uma manobra perfeita em um pico perfeito (João).

Nossa, nem acredito que acertei esse nesse lugar com esse piso horrível achei que ia cair de primeira (interlocutor “Otávio”, após acertar uma manobra em um obstáculo com o chão desnivelado).

Acertar uma manobra em um pico perfeito, como em pistas é muito prazeroso, mas também acertar manobra em pico “feito” é muito mais estiloso e desafiador (Gabriel).

Esses relatos representam a ideia dos skatistas ao realizar o “trabalho de risco”. Obviamente, a maioria deles, prefere andar em obstáculos com condições perfeitas na rua, que sejam semelhantes, a uma pista de skate em perfeito estado, mas eles também valorizam, e muito, a beleza que é se desafiar nas adversidades urbanas que a cidade proporciona.

Voltando a problemática das “pistas x ruas” do capítulo anterior, se, ao andar de skate na rua, os skatistas estão realizando o trabalho de risco, ao andar nas pistas, presumindo-se que ela esteja em perfeito estado (o que não acontece sempre pois pode haver abandono do poder público ou por parte dos responsáveis, o que não faz parte deste exemplo), estão realizando o que, o autor, vai chamar de “trabalho de certeza”. Ingold analisa que: “se no trabalho de risco, o resultado é sempre duvidoso, no trabalho de certeza ele já é predeterminado e inalterável desde o início” (INGOLD, 2015, p. 105). Contudo, ainda assim, pode haver erros ao andar na pista, devido à má execução de alguma manobra, porém na pista com qualidades aceitáveis como skatável, não haverá o erro exterior do terreno e do equipamento urbano, assim como não haverá seguranças para barrarem seu uso, e nem pedestres para reclamar e impedir que os skatistas andem ali, o que torna mais fácil a execução de manobras na mesma.

Nessa linha de pensamento, Ingold volta a falar sobre o caminhar e o compara com o serrador de madeira, falando que esse, é o operador de risco, opostamente, ele compara com o operador de máquina, o qual corta a prancha com um maquinário tecnológico, esse por sua vez, ele o denomina de operador da certeza, “cuja atividade está limitada pelos parâmetros de um sistema determinante” (INGOLD, 2015, p. 106). Esse operador da certeza, ao contrário do caminhante, usa do transporte para se locomover pela cidade, e começa sua jornada assim que chega ao destino, e no caso dos operadores, o último, não tem todo o preparo e atenção que o operador de risco tem, e acrescenta:

[...] pela percepção, os gestos rítmicos do profissional estão em sintonia com os vários ritmos do ambiente [...] o ritmo, então, não é um movimento, mas um acoplamento dinâmico de movimentos. Cada um desses acoplamentos é uma ressonância específica, e a sinergia entre profissional, ferramenta e material estabelece um campo inteiro de tais ressonâncias. (INGOLD, 2015, p. 106).

Posto isso, observamos que, ao andar na rua, o skatista lida com vários riscos e variáveis que moldam sua percepção e seu movimento. Não estou dizendo que, nas pistas não há riscos, claro que há, mas ao fazer skate fora delas, o skatista não está na zona de conforto, não está em um local feito e pensado exclusivamente para ele, e sim, está experimentando novos desafios, novos perigos, novas experiências, algo que a cidade pode proporcionar: o desconhecido, a incerteza. Portanto, ao experienciar, e vivenciar o skate de rua, o skatista está constantemente aprendendo a ter um olhar diferenciado sobre a cidade na qual circula. Quem experimenta o verdadeiro prazer (e dor) ao se andar de skate nas ruas, jamais conseguirá não se atentar aos pequenos detalhes da cidade, seja do banco da praça, da escadaria do prédio, das pedrinhas soltas no chão, até mesmo vivendo seu cotidiano normalmente, indo trabalhar ou indo ao mercado, seu olhar estará sempre atento, sensível, seu olhar sempre será o “olhar skatista”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização da pesquisa, ouvindo as histórias, vivências, e principalmente, experienciando junto aos interlocutores, o skate de rua, percebi como o mesmo está intrinsecamente conectado ao skatista no seu dia-a-dia, fora das sessões, seja no ambiente de trabalho, na faculdade ou escola, em casa, nos caminhos percorridos diariamente nas suas jornadas pessoais e profissionais. A cultura do skate de rua, para quem adentra nela, transpassa as sessões de skate. O skatista passa a perceber o mundo ao seu redor com outro olhar, esse que, denominamos o “olhar skatista”. É comum ouvir, dos skatistas, diversos momentos em que o skate está presente, em ocasiões cotidianas nas quais o mesmo não está andando de skate, ”picos” encontrados durante uma viagem de ônibus, manobras pensadas durante o expediente de trabalho, futuros locais com potencial para se tornarem obstáculos, vistos durante um passeio, identificados em obras ainda não concluídas, como dito pelo Interlocutor “João”: “Depois que comecei a perceber o mundo ao meu redor através do skate, nunca mais consegui não me atentar aos detalhes de cada pedaço da cidade”.

Esse sentimento e percepção, que o skatista adquire após andar pelas ruas de skate, é uma herança deixada pelas vivências únicas que o skate pode trazer. O skatista quando adquirida certa experiência, adquiri também, um extremo domínio sob a cidade, sua percepção é modificada de maneira com que o mesmo passe a perceber diversas questões na cidade onde vive, seja novas construções que estão aparecendo e tomando conta da cidade, a percepção da natureza em sua volta, principalmente das árvores, que, além de fazerem sombra para o descanso, dependendo da estação do ano, produz sementes que “sujam” o solo e fazem o skate trancar nas horas mais aleatórias das sessões, por isso, é comum muitas vezes os skatistas estarem portando vassouras em suas mãos, pois já sabem que antes de andarem em determinado “pico”, terão de varrer as calçadas para poderem andar.

Também notam, as diferentes classes sociais que habitam os bairros, e suas diferentes divergências ao se andar por eles, notando um policiamento e segurança mais agressivo em bairros considerados “nobres”, além de perceberem, a si mesmo, dentro dessas diferenças de classes, tendo em vista que skatistas de todas as classes sempre andam junto e se identificam um com o outro, fazendo parte de um grande grupo. É comum vermos skatistas se “apoiando” um ao outro, atitude essa, normal durante as sessões, um skatista doar peças a outro que está

com peças velhas ou quebradas, sempre para incentivar aos seus a nunca desistirem do skate. Outro ponto de percepção importante, é, a maneira como percebem as condições das ruas e calçadas da cidade, ruas que são mais ásperas que as outras, ruas “lisinhas”, calçadas niveladas ou desniveladas, isso presente, também, na diferenciação de bairros onde alguns ganham uma atenção a mais pelo poder público, com isso, trazendo a questão de manutenção e abandono por parte do Estado em determinadas áreas da cidade, onde, muitas áreas, não recebem apoio nenhum por parte dos órgãos públicos e privados, fazendo com que os próprios skatistas botem “a mão na massa” para realizar a manutenção de algum pico, seja um buraco no chão de alguma praça, um reforço para um banco que esteja quebrado, e diversas outras intervenções que os mesmo fazem para tornar o lugar um pouco mais acessível a quem frequenta.

Concluindo, essas noções adquiridas das experiências vividas pelos skatistas, junto ao prazer de andar de skate, realizar manobras, estar com os amigos de longa data ou conhecidos recentes, que já se tornam amigos de cara, por terem algo em comum, faz com que o skatista adentre cada vez mais nesse universo do skate de rua. A mudança para um olhar sensível e preciso dos diversos âmbitos do cotidiano, e da sua própria vida, fazem do skatista um cidadão diferenciado, cuidadoso, atento e curioso. Ao sentir a vibração da cidade nas solas de seus pés enquanto estão em cima do carrinho, os skatistas se sentem parte da cidade, sentem que podem usufruir dela por um caminho que não é apenas o caminho da rotina do mercado, das jornadas de trabalho, do passeio a esmo e descontraído sem muita atenção aos detalhes, e principalmente, sentem que podem e devem utilizar os diversos espaços da cidade, da maneira como sua criatividade e habilidade o permitem, ou seja, da maneira que o skate de rua os ensinou a viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

AGIER, Michel. Lugares e redes: as mediações da cultura urbana. In: NIEMEYER, A.M.; GODOI, E.P (orgs.). **Além dos Territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

BRANDÃO, Leonardo. **A Cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural**. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

BRANDÃO, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano**. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, 2006.

BRANDÃO, Leonardo. **Para além do esporte: uma história do skate no Brasil**. Blumenau: Edifurb, 2014.

CERTEAU, Michel. **Artes de fazer: A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Editora Contraponto, 1997.

DURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org). **Aventuras Antropológicas**. Paz e Terra, 4ª Edição, 2004.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: Ditos e Escritos (volume III). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Editora vozes, 1999.

FRÚGOLI JR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GRAEFF, Billy. **Estilo de vida e trajetórias de skatistas: da “vizinhança” ao “corre”**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2006.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Edição Brasileira: Perspectiva, 1971.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Editora Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na *Manguetown*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 17, nº 49, 2002.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De carrinho pela cidade: a prática do skate em São Paulo**. -Intermeios, FAPESP, 2014.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. Entre a destruição e a criação: as marcas do skate na cidade. In. MAGNANI, José Guilherme Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Enrico. **Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018, p. 36-55.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. Todos juntos e misturados: sociabilidade no pedaço skatista. In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (Org). **Skate & skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012, p. 63 – 86.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, 17 (49): 2002, p. 11-29.

VELHO, Gilberto. Antropologia Urbana: Encontro de tradições e novas perspectivas. In. **Sociologia, problemas e práticas**. nº 59, 2009, p. 11-18.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. **Desafios da proximidade**. Finep, 2003.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

